Dia 24 — Santa Cristina, Virgem e Mártir

O triunfo de Santa Cristina, que refere quase por extenso o Martirológio Romano, é tanto mais digno de admiração quanto os mais desumanos tormentos que padeceu esta grande santa aos dez anos de sua idade foram por ministério de seu mesmo pai.

Nasceu em Tiro, na Toscana, às margens do lago de Bolsena, povoação de que não ficou o menor vestígio, por ter sido inteiramente submersa e como afundada no mesmo lago. Foi filha do governador daquela cidade, chamado Urbano, homem furiosamente entregue às superstições do paganismo e, portanto, inimigo capital do nome cristão. Aquele Deus que se compraz em apresentar de quando em quando em sua Igreja alguns prodígios de seu infinito poder escolheu uma terna donzelinha de apenas dez anos para que por ela triunfasse a fé em meio de uma família, talvez a mais zelosa e a mais obstinada nos desvarios da gentilidade.

Enfurecido o governador de Tiro contra os cristãos, buscava-os com requintadas diligências e atormentava-os com bárbara crueldade. Eram poucas as horas em que não se viam a seus pés alguns destes generosos defensores da fé, e poucos os dias em que em seu tribunal não se fizesse algum interrogatório. A mesma sala onde tinha o tribunal foi a escola em que a menina Cristina aprendeu as primeiras lições de nossa religião. A princípio moveu-se por mera curiosidade a informar-se que gênero de gentes eram aqueles réus que todos os dias compareciam diante do tribunal de seu pai e nos quais observava, por uma parte, tanta modéstia e, por outra, um ansioso desejo de morrer com uma invicta constância em meio dos maiores suplícios. Disseram-lhe que aqueles eram cristãos, os quais não adoravam senão um só Deus, fazendo o maior desprezo dos ídolos; e que, porque depois da morte esperavam outra vida muito mais ditosa que esta, faziam tão pouco caso dela. Esta notícia superficial que lhe deram do cristianismo aumentou na menina a curiosidade. Assistia frequentemente aos interrogatórios dos mártires; e, como a graça queria triunfar nela, ilustrava-a de maneira que em breve teve uma ideia justa de nossa religião, acompanhada de um ardente desejo do martírio.

Proporcionou-lhe a divina Providência a ocasião de fazer-se instruir mais a fundo. Ajudaram-na nisto mesmo algumas senhoras cristãs, facilitando-lhe ao mesmo tempo a ventura de receber o santo batismo. Tudo isto se fez com o maior segredo; mas o zelo de Cristina o descobriu muito cedo. Encontrou um dia certos ídolos de prata e ouro que seu pai guardava com muita veneração; fê-los em pedaços e distribuiu-os entre os pobres cristãos, que pereciam de miséria. Acendeu a cólera do governador uma ação tão animosa; e, esquecendo-se de que era pai, resolveu fazer-lhe expiar com seu mesmo sangue o que reputava execrável sacrilégio.

Havia tempo que Urbano tinha algumas suspeitas da mudança de sua filha; mas com este lance depôs todo gênero de dúvida. Chamou-a a sua presença e, temperando a cólera com alguma doçura, disse-lhe: «Não posso crer, filha minha, que tenhas cometido o delito de que te acusam: será possível que tu tenhas feito em pedaços nossos deuses?» «Por certo — respondeu intrepidamente Cristina — que serão uns deuses muito graciosos os que uma menina como eu pôde fazer em pedaços. E será possível, pai e senhor, que vós faleis seriamente quando tratais de deuses umas figuras fabricadas a golpe de martelo e da mesma matéria que é o serviço de nossa mesa?» Não lhe permitiu Urbano passar mais adiante; antes, cego já de cólera e esquecendo todos os sentimentos da natureza, interrompeu-a dizendo-lhe: «Bem vejo, doidinha, que esses feiticeiros de cristãos te transtornaram o juízo; mas por Júpiter te juro que eu to restituirei, ou te tirarei a vida.» «Fazei, senhor, o que quiserdes — respondeu Cristina sem espantar-se —; a vida me podereis tirar, mas não me podereis tirar a fé de Jesus Cristo, meu divino Salvador, em quem espero que me dará forças para sofrer os mais cruéis tormentos.» Fora já de si, o desapiedado pai mandou chamar prontamente os verdugos e, receoso de que a tratassem com brandura, fez que em sua presença a despedaçassem a açoites. Vendo-a tão tranquila como se nada padecesse, ordenou que lhe rasgassem as chagas com garfos e unhas de aço, tirando-lhe em pedaços a carne do delicado corpo até que expirasse.

Era espetáculo verdadeiramente horroroso ver aquela inocente vítima nadando em seu mesmo sangue, descarnado o terno corpinho até descobrirem-se os ossos e, em meio de tudo, levantar docemente os olhos ao céu sem dar o mais leve sinal de dor, render mil graças ao Senhor de ver-se tão maltratada por seu amor, e depois recolher ela mesma tranquilamente os pedaços de sua carne que estavam espalhados pela sala e mostrá-los a seu pai para movê-lo a compaixão. Com efeito, não teve Urbano valor para ver por mais longo tempo aquele horrível espetáculo em meio de seu furor; e, pretextando que a queria reservar para mais cruéis suplícios, retirou-se, dando ordem de que a carregassem de cadeias e a encerrassem num espantoso cárcere. Favoreceu-a o céu com tantos consolos interiores que, esquecendo logo quanto havia padecido, sentiu-se abrasada em novos desejos do martírio.

Não acertava a compreender o desnaturado pai como poderia sofrer maiores tormentos aquela terna menina. Persuadia-se de que as incomodidades e o horror da prisão lhe abririam os olhos para conhecer o lastimoso estado em que se achava e que, separada dos prestígios de todos os cristãos encantadores, segundo ele dizia, a escuridão e o silêncio do calabouço, junto com o medo natural dos tormentos, a abrandariam e a renderiam à vontade de seu pai. Enviava-lhe ao cárcere todos aqueles parentes seus que lhe pareciam mais a propósito para persuadi-la a que lhe desse gosto; mas, desenganado de que a menina cada dia estava mais firme em sua religião e cada instante mais resoluta, e ainda mais ansiosa de padecer o martírio, entrou numa espécie de furor e, voltando a jurar pelos deuses imortais, exclamou: «Não se há de dizer no mundo que uma rapariga de dez anos me deu a lei, nem que esses feiticeiros de cristãos triunfam de nossos deuses em meio de minha própria família: eu verei se seus feitiços podem mais que meus tormentos e se a paciência de uma filha há de zombar da cólera de um pai.» Mandou, pois, aquele tirano, mais cruel que as mesmas feras, que atassem Cristina a uma roda untada de óleo e que continuamente a movessem ao redor sobre um grande braseiro de fogo, para que se fosse tostando pouco a pouco: suplício na verdade extraordinário; mas também foi extraordinário o prodígio, porque dispôs o Senhor que a santa menina não sentisse a mais leve dor e que, acendendo-se o braseiro

em fogueira, se estendesse repentinamente a chama e consumisse a muitos dos gentios que, movidos da curiosidade, haviam concorrido à novidade do tormento.

Mas o bárbaro pai, longe de render-se a tantos prodígios, fez-se mais desumano e obstinou-se mais e mais. Envergonhado de ceder a uma menina, mandou que a voltassem a encerrar no calabouço enquanto ele discorria algum outro tormento de nova invenção. Logo que Cristina entrou no calabouço, apareceu-lhe um anjo mais resplandecente que o sol e, assegurando-a da proteção do céu, curou-a instantaneamente de todas as suas feridas.

Informado Urbano do novo prodígio e chamando sem dilação os verdugos, mandou-lhes que, atando-lhe ao pescoço uma pesada pedra, a arrojassem imediatamente no lago para que não ficasse memória dela. Executou-se com presteza a ordem do governador; mas também se cumpriu a promessa feita a Cristina. Ao arrojá-la no lago, aquele mesmo anjo que lhe apareceu na prisão achou-se junto dela e a conduziu sem lesão à margem oposta. Este milagre esgotou toda a resistência de Urbano; apoderou-se a raiva de seu soberbo coração e de tal maneira se lhe alteraram todos os humores que na manhã seguinte o acharam sufocado na cama pela violência da cólera. Mais sentiu a santa a desdita de seu pai que quantos tormentos havia padecido; mas nem por isso vacilou sua fé nem se imutou sua constância.

O governador que sucedeu a Urbano, chamado Dião, excedeu ainda em crueldade a seu predecessor. Persuadiu-se desde logo de que renderia a inaudita tenacidade da santa menina; e, não querendo crer nenhuma das maravilhas que contavam, não duvidou de que muito em breve a venceria. Mandou, pois, dispor certa espécie de cuba de ferro cheia de óleo fervente misturado com piche e deu ordem de que nela estendessem Cristina; mas a própria menina por si mesma se deitou naquela cama ou tanque de fogo com a maior serenidade, constância e resolução, o que deixou atônitos os gentios. Não a enganou sua confiança em Jesus Cristo, porque, fazendo o sinal da cruz, achou-se como num banho regalado e delicioso, de maneira que, soltando um doce suspiro, disse aos verdugos: «Bem fazeis em meter-me num berço como menina recém-nascida, pois ainda não faz um ano que nasci para a graça pelo batismo, o qual é uma milagrosa regeneração.»

Pareceu ao governador que isto era um insulto feito a sua mesma pessoa; mandou que a levassem ao templo de Apolo e que à força a fizessem oferecer incenso ao simulacro. Concorreu todo o povo a ver em que parava aquele forçado sacrifício; mas mal entrou no templo a terna donzelinha, quando o ídolo caiu precipitado ao pé do altar e se reduziu a pó, e no mesmo instante o governador também caiu redondo de sua cadeira e ficou morto. Espantados os verdugos, deixaram a santa e, prostrados a seus pés, confessaram aos gritos que não havia outro verdadeiro Deus senão o dos cristãos. Misturaram-se com suas vozes as de mais de três mil gentios que se converteram e pediram o batismo. Fez grande ruído este assombroso sucesso. Puseram Cristina em liberdade e, até a chegada do novo governador, não se via outra coisa na cidade senão novas conquistas para Jesus Cristo. Chegou, enfim, Juliano, sucessor de Dião, e logo o informaram de tudo o que havia passado e era o assunto mais comum das conversações e a admiração de toda a província.

Creu sem a menor dúvida, segundo a opinião popular, que todos aqueles portentosos sucessos que se atribuíam ao poder do Deus de Cristina não eram outra coisa que artifícios e encantamentos dos cristãos ou efeito da magia que todos professavam. Espantou-o sobretudo a morte repentina de seus dois predecessores; mas irritou-o mais o desprezo em que se achavam os deuses de Tiro, especialmente desde que o ídolo de Apolo havia caído ao chão e se havia feito pó. Mandou prender Cristina, fê-la trazer diante de si e, sem outra formalidade, disse-lhe de repente: «Menina, uma de duas: ou sacrificar imediatamente a nossos deuses, ou ser logo arrojada num forno aceso.» Respondeu-lhe a santa em tom firme e determinado que ela só sacrificava ao verdadeiro Deus; e ordenou o governador que sem dilação a arrojassem no forno, que já estava preparado. O Senhor, que parecia ter escolhido aquela santa donzelinha para fazer nela ostentação de seu poder, renovou em Tiro o milagre dos três meninos da Babilônia. Cinco dias esteve Cristina no forno, que continuamente estavam alimentando, sem que as chamas tocassem nem um só de seus cabelos, passando todo este tempo em bendizer ao Senhor e em cantar seus louvores. Acrescentam as atas de seu martírio que, raivoso o tirano ao ver-se vencido por uma menina tão terna, recorreu a um mago de profissão, o qual lhe aconselhou que a mandasse encerrar num lôbrego calabouço cheio de víboras, de serpentes e de escorpiões, assegurando-lhe que logo a morderiam e acabariam com ela; mas nenhum daqueles peçonhentos animais se atreveu a tocar a que haviam respeitado as chamas; e, como não cessasse de cantar louvores ao Senhor, mandou o tirano que lhe cortassem a língua. Perdeu-a por Jesus Cristo, mas não perdeu o uso dela; sem língua cantava mais alto e com maior clareza aquelas belas palavras de Davi[^n241]: *Nosso Deus está no céu e dali governa todo o universo com absoluto poder. Pelo contrário, os ídolos dos gentios são uns pedaços de ouro e prata, obra das mãos dos homens.* Ainda fez mais impressão que todos os antecedentes este novo prodígio, e acudiu toda a cidade a ser testemunha desta maravilha. Corrido o governador de não ter saído com seu intento e esgotados todos os seus artifícios, mandou que atassem a santa a um grosso tronco e que ali fosse asseteada até que expirasse.

Estando neste suplício, sentiu Cristina avivar-se-lhe o desejo de possuir quanto antes no céu aquele Deus por cujo amor combatia tão gloriosa e tão constantemente na terra, e suplicou ao Senhor que lhe concedesse a coroa do martírio, pela qual suspirava com tanta ânsia. Foi ouvida sua petição e, às primeiras flechas que lhe dispararam, rendeu seu ditoso espírito ao Criador e foi receber o prêmio devido a tantos combates e a tantos triunfos. Sucedeu esta preciosa morte no dia 24 de julho, e desde então foi venerada Santa Cristina como uma das mais ilustres mártires da Igreja. Os cristãos enterraram seu corpo, que depois foi trasladado da Toscana a Palermo, na Sicília, onde é singularmente venerada nossa santa como uma das mais principais padroeiras da cidade.

[^n241]: Sl 93.

São Francisco Solano, Confessor

No ano de 1549, décimo sexto do pontificado de Paulo III e trigésimo terceiro do império de Carlos V na Espanha , nasceu em Montilla, vila situada no bispado de Córdova, São Francisco Solano, belo ornamento da ordem de São Francisco, destinado por Deus para que desterrasse as sombras do

erro gentílico do hemisfério americano e difundisse nele a luz da verdade ortodoxa, chamado por isso mesmo, com justíssima razão, sol do orbe peruano. Seus pais, Mateus Sánchez Solano e Ana Jiménez, muito distintos no país por sua nobreza, mas muito mais por sua piedade, procuraram com o maior esmero dar ao menino uma educação cristã. Mas, como se achava assistido com os mais especiais auxílios da divina graça, que nele parecia obrar mais que a natureza, custou-lhes pouco trabalho conseguir o fruto de seus desejos: seu natural doce, afável e benéfico, seu coração nobre, dócil e generoso, a sublime ideia que concebeu de Deus, o sumo horror ao pecado, sua inclinação natural à virtude, com uma afeição muito particular ao retiro, a total distração das diversões próprias da infância, o gosto e complacência que manifestou desde logo aos exercícios de piedade e sobretudo a cordialíssima devoção que professava à Santíssima Virgem, com cujo escudo, com a modéstia, mortificação e fuga das ocasiões conservou sempre inviolável a pureza, fizeram conhecer a seus pais que nele dispunha a divina Providência um daqueles heróis com que em alguns séculos favorece o Senhor sua Igreja.

Instruído nos primeiros rudimentos, aplicaram-no aos estudos no colégio da Companhia de Jesus de sua pátria; e, como se achava dotado de um vivo e perspicaz engenho, acompanhado de uma madureza de juízo muito superior a seus anos, em breve tempo fez admiráveis progressos nas ciências e conciliou o amor de seus mestres com o de seus condiscípulos, olhando todos nele um modelo de todas as virtudes cristãs. Distinguiu-se já naquela curta idade na particular graça de compor as discórdias, em virtude do amor que manifestou desde logo à paz, tão recomendada por Jesus Cristo. Persuadido Francisco de que o tempo dos estudos esfria de ordinário o fervor, teve grande cuidado de prevenir este escolho com precauções piedosas, a saber: com a frequência dos sacramentos, contínua oração, rígidas penitências, valendo-se, para macerar seu corpo nas horas que lhe deixava o estudo, da indústria de cavar numa horta de seu pai, recreando o ânimo com cânticos devotos, por cujo meio elevava a Deus seus cordiais afetos.

Embora nosso santo tivesse grandes talentos e nobres disposições para seguir a carreira das letras, contudo era maior sua inclinação ao retiro; pois o desejo de atender unicamente, livre dos impedimentos do mundo, ao importante negócio de sua salvação eterna teve para ele mais atrativo que tudo. Animado destes desejos, inspirou-lhe Deus que aspirasse ao cume da perfeição na solidão do claustro e, seguindo vocação tão acertada, vestiu o hábito da regular observância franciscana no convento de recoleção de seu mesmo povoado, no ano de 1569, quando contava vinte de idade.

Apenas vestiu o sarja dos menores, começou Francisco a manifestar a todo o claustro as virtudes de que já no século havia dado tão evidentes provas. Sua profunda humildade, sua cega obediência, sua angélica pureza, sua modéstia singular, seu contínuo silêncio e extraordinárias mortificações, além das que por constituição se praticam na observância recoleta, fizeram conhecer a todos os religiosos o fervoroso zelo e o veloz curso com que corria, ou antes voava, o noviço no caminho da perfeição. Crucificava sua carne com sangrentas disciplinas e rigorosos jejuns, mostrando-se tão admirável na abstinência que, exceto nas festas solenes, e isto por preceito de seu mestre, não comia carne, peixe nem laticínios; nas sextas-feiras não provava manjar algum cozido; na quaresma e nas segundas, quartas e sextas-feiras da semana só usava de pão e água. Além disto, trazia debaixo do hábito um áspero cilício preso a seu delicado corpo, ao qual dava um brevíssimo descanso num durísssimo leito, com um lenho por cabeceira. Persuadido

de que a todas estas mortificações e outras virtudes monásticas daria o complemento que desejava o exercício que facilita o comércio com Deus, entregou-se de tal modo à oração que, não satisfeito com as horas que a comunidade nela empregava, quando esta descansava, depois de disciplinar-se cruelmente, passava muitas noites até romper o dia anegado em doces contemplações.

Fez sua solene profissão com as devidas preparações; e, formando empenho em imitar a vida do Seráfico Patriarca, saiu uma cópia viva em tudo parecida com o original. Sendo já professo, não deixou as virtudes que começou no noviciado, antes as aperfeiçoou no decurso de sua carreira religiosa, sem que jamais nele se diminuísse o fervor com que a empreendeu. Enviou-o a obediência a estudar filosofia no convento de Santa Maria de Loreto da mesma recoleção e, embora nele houvesse celas sobrando, fez para si uma pobre e humilde habitação de canas num ângulo perto dos sinos, onde passava os dias e as noites alternando no estudo e na oração, por meio da qual, mais que por sua aplicação, adiantou maravilhosamente nas ciências. A mesma prática observou no estudo da sagrada teologia, logrando por estes meios deixar-se ver ao mesmo tempo douto, santo, sábio e perfeito.

Recebeu o santo a ordem sacerdotal em virtude de um preceito expresso de seu superior, que lho deu ao ver sua humilde resistência a tão alta dignidade, confessando-se indigno dela. Celebrou o primeiro sacrifício no dia do Seráfico Patriarca com tanta ternura, com tanta devoção e com tantas lágrimas que deu a conhecer aos assistentes o respeito e amor em que se achava abrasado seu coração para com aquele Senhor que oferecia ao Eterno Pai. Descobriu uma doce, clara e sonora voz e, julgando-o a propósito para vigário de coro, desempenhou o emprego com a pontualidade, zelo e vigilância que exige a celebração dos ofícios divinos. Não o deteve a religião muito tempo naquele ministério, pois, persuadida de que o espírito de Francisco com seu fervor alentaria a outros a que com ele empreendessem a carreira da perfeição, destinou-o a obediência para mestre de noviços ao convento de Arrizafa, não muito distante da cidade de Córdova. Convencido de que o exemplo é lição mais eficaz que as palavras para excitar os jovens, seguindo esta ideia, renovou com novo alento os santos exercícios de oração e mortificações em termos que, à vista de tão expressivo espelho, trabalhavam sem preguiça os noviços em adquirir a perfeição a que eram chamados. Passou com o mesmo ofício ao convento de São Francisco do Monte, situado nas montanhas de Córdova, muito proporcionado, pelo retiro do comércio do século, para a quietude que o santo desejava. Entregou-se de tal modo à contemplação das verdades eternas que chegou ao alto grau da mais íntima união com Deus. Com não menos fervor redobrou suas penitências, movendo-o o desejo de imitar seu Seráfico Patriarca a arrojar-se em certa ocasião nu sobre um montão de espinhos, revolvendo-se neles até ferir inteiramente seu corpo.

Fizeram-no guardião do mesmo convento, apesar de sua humilde resistência; e, vendo-se no emprego de superior, aplicou todo o seu esforço a conservar em seu rigor primitivo a regra de São Francisco, sendo o primeiro que saía com a alforje a pedir de porta em porta como verdadeiro mendicante. Seus jejuns, vigílias, perpétua assistência ao coro e assombrosas penitências eram as lições com que instruía seus súditos, portando-se com todos com tanta afabilidade e tão admirável discrição que os reduzia gostosíssimos ao jugo da obediência; de sorte que, esmerando-se cada qual em imitar seu santo pai, veio a ser o convento um seminário de santidade e um voluntário cárcere de reclusão, chegando a ser o assunto da admiração e a matéria dos mais altos elogios. O

vasto e apostólico zelo de Francisco não podia estreitar-se dentro dos muros do mosteiro. Havendo-o dotado o céu de um talento extraordinário e singular eloquência, saía pelas povoações imediatas a pregar a palavra de Deus, fazendo portentosas conversões, voltando de não poucas delas, concluída a missão, em jejum ao convento, em observância da lei de abstinência que se impôs quando noviço.

Ofendia tanto a profunda humildade de Francisco a estima que todos faziam de sua pessoa, apesar das indústrias de que se valia para diminuir este geral conceito, que, agregados a este sentimento os vivíssimos desejos de padecer o martírio, pediu repetidas vezes licença a seus superiores para passar à África a anunciar aos infiéis a fé de Jesus Cristo; mas, embora lha negassem sempre, não desistiu de seu propósito. Mandou o rei Filipe II aos prelados da religião de São Francisco que enviassem operários às Índias, a fim de ilustrá-las com a luz do Evangelho; e, conhecendo nosso santo ser esta a ocasião favorável para cumprir seus desejos, partiu com os missionários apostólicos para as regiões da América.

Seria necessária uma longa relação se se houvessem de citar individualmente os prodígios que na navegação obrou Francisco em favor dos navegantes e dos povos por onde fez trânsito. Basta dizer que, interessado o céu em recomendar a santidade de seu servo fiel, foi sua viagem um itinerário de portentos. Chegou a Lima e dali dirigiu seu rumo às vastas províncias do Tucumã, para satisfazer o zelo apostólico que ardia em seu coração pela salvação das almas. Setecentas léguas caminhou a pé por lugares incultos, ásperos e escabrosos, por rápidos e profundos rios e por milhões de perigos até chegar àquelas regiões bárbaras, onde havia pouco tempo que havia começado a brilhar a luz da fé, em virtude da pregação de Frei Afonso de São Boaventura, observante da província da Andaluzia, e de Frei Luís de Bolaños. Para estes países dilatados recebeu nosso santo a missão como os apóstolos: com os mesmos sentimentos, com o mesmo ânimo, com a mesma sede de padecer, com o mesmo fervor, com o mesmo ardor e com o mesmo zelo entrou naquelas ilhas desertas e naqueles povos ignorantes, que não lhe ofereciam em toda a sua extensão senão fome, sede, infinitos trabalhos, perseguições e evidentes riscos de perder a vida; mas não acovardaram a valentia de seu espírito, antes excitaram de novo o zeloso operário do pai de família a que empregasse sua atividade no cultivo daquela montuosa vinha, que veio a ser por seu infatigável ardor uma das possessões mais floridas da Igreja. Seria necessário um volume inteiro para referir uma parte de seus trabalhos, das conversões e dos prodígios que obrou este santo apóstolo naquele vasto mundo.

Começou sua missão; e, para fazer que o céu derramasse suas bênçãos sobre tão difícil empresa, passava em oração a maior parte da noite, deixando-se ver não poucas vezes prostrado com a boca em terra, em forma de cruz, pedindo ao Senhor auxílio para fazer guerra aos vícios radicados entre os bárbaros. Considerou preciso instruir-se nos dificílimos idiomas daquelas gentes e conseguiu-o perfeitamente por meios mais divinos que humanos. Na verdade foi coisa digna de admiração que em o curto tempo de quinze dias soubesse aquelas confusas e várias línguas, o que atribuíram os bárbaros a arte mágica antes de conhecer a eficácia da divina graça.

Com este indispensável requisito, animado daquele santo zelo que constitui o caráter dos varões apostólicos, corria por todas aquelas regiões sem temor à morte, levando até as mais remotas a verdade evangélica. Não poupava trabalho nem fadiga para tirar das garras do lobo infernal as

errantes ovelhas; a todos tratava benignamente, consolava-os com dulcíssimas palavras em suas aflições, aliviava-os em suas misérias, assistia-os nas enfermidades, administrando-lhes por si os alimentos e medicamentos; sua mansidão, sua caridade, seus modos agradáveis e sua modéstia ganhavam os corações de todos; a força e unção de suas palavras convertiam os mais rebeldes, e sua conhecida santidade convertia os povos mais indômitos; enfim, suas pregações acabaram de fazer a reforma dos costumes, o uso dos sacramentos tornou-se frequente e a piedade estabeleceu-se em todas aquelas regiões bárbaras.

Além de tão recomendáveis prendas, dava a sua missão a maior eficácia o exemplo de sua vida admirável, o desinteresse apostólico, a vileza de seu hábito, a parcimônia de sua comida, o rigor de seus jejuns, a austeridade de suas penitências e a liberalidade com que invertia em socorro dos pobres quanto adquiria no ministério. É certo que, para maior crédito da santidade de Francisco, recomendou Deus com muitos milagres, em favor daqueles naturais, a verdade da doutrina que pregava.

Em certa ocasião, estando celebrando os ofícios divinos na Quinta-feira Santa, acometeu os fiéis uma numerosa tropa de bárbaros, ameaçando-os com a morte. Atemorizou o inopinado sucesso os católicos e, saindo Francisco da igreja, sem outras armas que as da divina palavra, falou-lhes com tal valor e com tal força que, aterrados ao ouvir sua voz os inimigos, tendo ouvido sua pregação, converteram-se à fé mais de nove mil deles, e com tão repentina mudança que muitos dos mesmos assistiram aos ofícios divinos na mesma noite. Cresceu desde então tanto a fama do servo de Deus entre aquelas gentes que concorriam inumeráveis a ouvir seus sermões, entendendo-os todas em seu próprio idioma, embora Francisco falasse em sua língua; e, convencidos de seus discursos, deposta a ferocidade, submetiam-se gostosos à lei do Evangelho. Enfim, cresceu tanto a estima do santo apóstolo entre aqueles bárbaros que o que não podia conseguir o rigor da justiça nem o temor das penas, conseguia-o Solano só com o império de sua voz, à qual obedeciam cegamente.

Celebrou-se capítulo provincial em Xàtiva por aquele tempo, no qual o santo foi eleito custódio da província do Tucumã, apesar de seus rogos, confessando-se indigno do emprego. Na visita que fez daqueles conventos, em cuja expedição padeceu muitos trabalhos, acreditou com provas práticas o alto conceito que a religião tinha formado de sua virtude, à qual se deveu uma reforma geral do claustro. Aliviado do cargo em força de suas instâncias, mandou-se-lhe por obediência que presidisse à recoleção que pouco antes se havia fundado em Lima. Fê-lo Francisco, e foi tal o sentimento dos índios do Tucumã que não omitiram súplicas nem diligências para que os superiores não separassem deles aquele a quem veneravam como a seu apóstolo e amavam como a seu pai.

Fizeram-no vigário e prefeito do convento de Santa Maria dos Anjos de Lima; e não cessaram seus rogos até que o exonerou a religião de um emprego tão repugnante a seu espírito, desejoso de santificar-se nas humilhações e de viver na classe de súdito, ocupado nas funções de seu apostólico ministério. Aplicou-se a desempenhá-lo na mesma cidade e nos contornos com seu costumado zelo, já pregando, já confessando, já exercendo obras de caridade. Frequentemente se apresentava nas ruas e praças de Lima com um crucifixo na mão a declamar contra os vícios; não poucas vezes, animado do divino espírito, entrava nos teatros públicos e, manifestando a mesma

insígnia, movia a todos a um verdadeiro arrependimento. Também se empregava em colóquios privados com as religiosas, nos quais acendia o fervor das esposas de Jesus Cristo a que aspirassem à perfeição de seu estado. Embora nestas funções lograsse Francisco portentosas conversões, as quais aperfeiçoava a divina graça, que sempre acompanhava sua nervosa eloquência, contudo, penetrado seu coração da mais viva dor ao ver os pecados e escândalos do povo, que provocava à justiça divina aos mesmos castigos com que em outro tempo ameaçou Nínive, impelido de um superior impulso saiu em certa ocasião do convento e, apresentando-se na praça maior com um semblante grave e modesto, pregou com tanto espírito e tão ardoroso fogo contra os vícios predominantes na cidade que, alegando em confirmação de sua doutrina com propriedade e discrição várias sentenças da santa Escritura alusivas à destruição dos povos por seus vícios, entendidas estas como profecia da subversão de Lima, sob o conceito que se tinha formado da santidade de Francisco, foi tal a comoção e terror que causou o sermão aos cidadãos que, imitando o exemplo dos ninivitas à voz de Jonas, convertidos a Deus, fizeram tão assombrosas penitências para temperar seu enojo que a multidão de sacerdotes de um e outro clero daquele numeroso povo mal bastava para ouvir as confissões dos pecadores arrependidos.

A matéria e o estilo de suas frutuosas pregações tirava-os Francisco da oração; e das fontes das santas Escrituras deduzia as salutares águas com que regava a terra estéril: por isso mesmo produzia sempre frutos abundantíssimos de admiráveis conversões, compunção, suspiros, lágrimas e soluços até dos mais endurecidos pecadores, irresistíveis à força de seus discursos e a seu apostólico zelo. Muitas vezes, quando explicava os divinos mistérios, arrebatava-se em doces êxtases e, derretendo-se outras na consideração deles, faltava-lhe a voz, e, suprindo pelas palavras suas agradáveis suspensões, seu silêncio em semelhantes casos comovia mais os ouvintes.

Parecia regular que as incessantes fadigas de suas apostólicas expedições o dispensassem das mortificações; mas nem estas, nem as muitas enfermidades que contraiu nelas, foram jamais bastantes para que afrouxasse na prática de seus rígidos jejuns nem de suas assombrosas penitências, que se faziam incríveis, atendida a debilidade de seu corpo. Na verdade causava admiração vê-lo correr por tantas províncias a pé descalço nas estações mais rigorosas do inverno e do verão, sem comer nem beber em muitas léguas, mantido unicamente com o zelo da salvação das almas, chegando sua abstinência a tal extremo que se creu com razão que vivia milagrosamente. Acrescentava a isto todas as noites duras e sangrentas disciplinas com que crucificava sua carne, cujas chagas fazia mais dolorosas o áspero cilício que jamais separou dela.

Todo este fervor e toda esta sede insaciável pela salvação das almas provinha do aceso amor de Deus em que se achava abrasado seu coração, o qual o fazia prorromper em suspiros e ternos ecos, bastando-lhe ouvir falar do sumo bem ou pôr os olhos no céu para ficar transportado em admiráveis êxtases. Embora todos e cada um dos mistérios de nosso Redentor fossem objetos de sua cordial dileção, distinguiu-se especialmente na particular devoção ao Senhor sacramentado, sendo muitas as provas que deu deste afeto em presença da Eucaristia. Nos raios de luz que despedia seu rosto e nas abundantes lágrimas que derramava quando celebrava o santo sacrifício da missa dava bem a entender o vulcão que ardia em seu peito. Em certa ocasião, achando-se custódio da província do Tucumã, indo na procissão de Corpus, não podendo conter o amor do Senhor interiormente, além dos doces cânticos com que elogiava o Sacramento, começou a saltar

entre os índios fora de si, como outro Davi diante da arca do testamento, cujo espetáculo moveu a uma profunda veneração os assistentes. Não era menor a terna devoção que professava à Santíssima Virgem: só com ouvir seu doce nome enchia-se seu espírito de gozo e complacência, explicando seu afeto com suaves cânticos, misteriosos versos e orações fervorosas. A esta Soberana Rainha elegeu por padroeira de todas as suas expedições apostólicas, aplicando nelas toda a sua atividade a promover seu culto e sua glória, confessando ingenuamente que os louvores desta Senhora eram o alívio em seus trabalhos, o consolo em suas aflições, o refrigério em suas tribulações e a causa de sua felicidade em todas as suas empresas.

Enfim, quis Deus premiar os trabalhos de Francisco; e, embora toda a sua vida fosse uma cruz e um martírio contínuo, contudo, para que adquirisse mais merecimentos, permitiu que dois meses antes de seu feliz trânsito sentisse umas dores agudas, acompanhadas de uma febre ardente, ainda que em todo o curso de sua enfermidade dispôs a divina Providência com maravilhoso prodígio que se mantivessem na janela de sua cela umas avezinhas, inseparáveis dela por mais ruído que fizessem, as quais com seus sonoros cânticos recreavam o ânimo de seu fiel servo, que tinha à vista um crucifixo, a quem dava repetidas graças porque o afligia em tempo em que não podia com suas próprias mãos castigar-se segundo seu costume. Pela veemência das dores não desistiu do exercício da oração, que foi sempre o objeto principal de seus esmeros, a qual pôde chamar-se habitual, mas não interrompida em momento algum; deixando-se ver nos últimos dias de sua vida tão anegado em doces contemplações que, esquecido inteiramente das necessidades do corpo, parecia que já conversava entre os anjos, sem permitir que em sua presença se suscitasse conversação alguma que não fosse de Deus, ou manifestando desejos de que se fizesse alguma leitura espiritual. Crescendo a enfermidade, dispuseram os médicos que se lhe administrasse o viático dez dias antes de morrer, e respondeu que era intempestivo e prematuro, embora muito bom, que recebesse semelhante hóspede. Disse aos religiosos, temerosos de que falecesse de um momento a outro pela debilidade de suas forças, que fossem descansar, pois não morreria até o dia de São Boaventura, a quem professou sempre uma devoção particularíssima. Com efeito, no mesmo dia, ao tempo de fazer sinal o sino à elevação da hóstia e do cálice, olhando o crucifixo, postas as mãos em cruz, entre amorosos colóquios, transportado num gozo celestial, rendeu pacificamente seu espírito ao Criador no dia 24 de julho do ano de 1610, aos sessenta e um de sua idade.

Logo que expirou, quis Deus acreditar a santidade de seu servo com uma multidão de prodígios, e até nos sintomas de seu corpo: este, que pelas longas e difíceis peregrinações estava seco e negro, de repente apareceu cheio, branco e formoso, com o rosto tão sereno como se estivesse em um doce sonho, despedindo um odor fragrantíssimo; seus olhos, que fechou sempre com uma perpétua mortificação, deixaram-se ver brilhantes com um resplendor extraordinário; e sua carne, comprimida à força das intempéries, notou-se com uma cor e calor natural como se estivesse no mais florido de seus anos. Tiveram os religiosos alguns dias no féretro o venerável cadáver para satisfazer a devoção das inumeráveis gentes que concorreram a tributar-lhe obséquios; e com uma pompa jamais vista nas Índias, digna de comparar-se com as demonstrações dos maiores triunfos, depositado numa arca, deram-lhe sepultura em seu convento.

A fama pública de sua santidade e a continuação de prodígios que cada dia se dignava obrar o Senhor pela intercessão de seu servo o fizeram venerar desde logo como santo; mas, como faltava

a aprovação da Santa Sé para autorizar este conceito, em nome da cidade e senado de Lima, a cujas súplicas se uniram todas as das cidades do Peru e da religião franciscana, instou-se à santidade de Urbano VIII para a beatificação e canonização de Solano. Este papa despachou as correspondentes letras apostólicas para os processos informativos; e, resultando deles justificado plenamente o heroísmo das virtudes de nosso santo, com multidão de milagres autênticos, que recopilou do mesmo processo num livro Frei Toribio Navarro, menorita, não tendo em que deter-se a sagrada congregação, declarou-o beato o papa Clemente X, no dia 25 de janeiro do ano de 1675; e canonizou-o depois Bento XIII, em 27 de dezembro de 1726.

Martirológio Romano

Em Viena, Tiago, apóstolo.

Em Tiro, na Toscana, junto ao lago Bolsena, Santa Cristina, virgem e mártir, que, depois de ter abraçado a religião de Jesus Cristo, fez em pedaços os ídolos de ouro e de prata de seu pai e os deu aos pobres. Por ordem deste foi desgarrada a varadas, cruelmente atormentada com outros suplícios e arrojada a um lago com uma pedra ao pescoço; mas um anjo a tirou das águas. Em seguida sofreu constante tormentos ainda mais cruéis sob outro juiz, sucessor de seu pai; e por último, por ordem do presidente Juliano, foi lançada numa fornalha ardente, onde viveu intacta cinco dias, tendo vencido pelo poder de Jesus Cristo as serpentes a que foi exposta. Consumou seu martírio vendo-se arrancar a língua e asseteada.

Em Roma, na via Tiburtina, São Vicente, mártir.

Em San Vittorino, no Abruzzo Ulterior, o martírio de oitenta e três soldados.

Em Mérida, na Espanha, São Vítor, militar, o qual consumou seu glorioso martírio com diferentes gêneros de suplícios, em companhia de seus dois irmãos Estercácio e Antinógenes.

Na Lícia, Santa Aniceta e Santa Aquilina, mártires, que, havendo-se convertido ouvindo pregar o mártir São Cristóvão, ganharam a palma do martírio deixando-se cortar a cabeça.

Ali mesmo, São Meneu e São Capitão, mártires. Em Sens, São Ursicino, bispo e confessor. Em Le Mans, São Pavácio, terceiro bispo daquela cidade.

Perto de Lila, no Tarn, entre Gaillac e Rabastens, Santa Sigolena, viúva e abadessa, cujo corpo é venerado em Albi, na igreja metropolitana de Santa Cecília.

Na Saxônia, Santa Gerburga, virgem, segunda abadessa da abadia de Gandersheim.

Na Volínia, São Boris, príncipe de Kiev, tio paterno de Ana da Rússia, mulher de Henrique I, rei da França, a quem seu irmão Sviatopolk matou aleivosamente.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Indulgentiam nobis, quæsumus, Domine, beata Christina, virgo et martyr imploret, quæ tibi grata semper exstitit, et merito castitatis, et tuæ professione virtutis. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos alcance o perdão de nossos pecados a intercessão da bem-aventurada virgem e mártir Cristina, que tanto vos agradou, assim pelo mérito de sua castidade como pela ostentação que fez sua constância de vosso infinito poder. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 20.

Eclesiástico 51,13-17

> **Latim:** 13 Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. 14 Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. 15 Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, 16 et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. 17 Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

Português: 13 Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. 14 Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. 15 Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. 16 E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. 17 Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

Nota

«Esta epístola, como já fica dito, tirou-se do último capítulo do Eclesiástico, no qual Jesus, filho de Sirac, autor do dito livro, dá graças a Deus por tê-lo tirado de muitos perigos em que se viu. Nenhuma coisa é mais adaptável às santas virgens e mártires que o conteúdo deste capítulo, e por isso a aplica com tanta razão a santa Igreja.»

Reflexões

Todos fomos criados para o céu, onde o Senhor nos preparou a todos um lugar. Que pressa nos damos, nem que ânsia temos por aquela felicíssima mansão? Não há meio-termo: ou céu, ou inferno. Se não for Deus nossa soberana ventura, será nossa maior infelicidade. Espantosa disjuntiva, que nos dá bem a conhecer a necessidade da salvação. Todos somos cidadãos do céu; pois que atrativos podemos achar na terra? O maior dos males é a morte eterna da alma; mas podemos evitá-la com a graça do Senhor. Que matéria mais justa de nossas orações! Reina o orgulho imperiosamente no mundo; daqui nasce o fausto, a profanidade, o aparato, a ostentação, a altaneria e a arrogância; mas este reinado acaba com a vida; e que produz esse espírito mundano na hora da morte? Os bons sofrem com paciência neste desterro o reinado dos soberbos, isto é, dos mundanos, que, sendo inimigos de Cristo e do Evangelho, fazem contínua guerra à virtude. Com que indignidade se trata hoje no mundo a virtude cristã! Ela é o assunto das insulsas zombarias dos dissolutos; mas o Senhor a protege, e nada tem que temer. Exercitam os ímpios a virtude dos bons, é verdade; mas não lhes podem danar; toda a sua malícia se reduz a purificá-los mais e a aumentar-lhes o mérito. Quando só se pede a Deus aquilo que é de maior glória sua e proveitoso para a salvação, sempre logra bom despacho. Podemos fazer melhor nem mais preciosa petição? Vivemos em país inimigo; o mundo é nosso desterro, região de pranto, e estamos sentados às margens do rio de Babilônia. Com a memória da Jerusalém celestial choravam incessantemente os santos; a multidão dos perigos os tinha em contínua vigilância para livrar-se de tantos laços. Toda a sua confiança a colocavam em Deus, e neste tempo de iniquidade todo o seu valor consistia em sua confiança. Livrou-os Deus da perdição, tirando-os de tantos perigos. Quem terá a culpa de que nós não experimentemos a mesma proteção e de que não tenhamos o mesmo motivo para render-lhe por toda a eternidade incessantes graças? Não nos arrojemos aturdidamente aos perigos; tenhamos uma sincera vontade de agradar a Deus; sirvamo-lo com fidelidade; consideremo-nos na terra como num desterro; suspiremos continuamente por nossa pátria celestial; ponhamos toda a nossa confiança em Jesus Cristo, e teremos a ventura de bendizê-lo eternamente e de cantar sem cessar seus louvores.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 20.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** [44] Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. [45] Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. [46] Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. [47] Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. [48] Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. [49] Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, [50] et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. [51] Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. [52] Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Da salvação

Primeiro ponto

Considera que a salvação eterna é aquele tesouro escondido, cujo valor ignoram muitos, fazendo pouca reflexão sobre sua importância, ao mesmo tempo que os prudentes tudo sacrificam por consegui-lo. Não temos negócio que nos importe mais, nem podemos aspirar a maior fortuna.

Do bom ou mau êxito deste negócio depende o ser eternamente felizes ou eternamente desditosos. Todos os demais só nos são permitidos enquanto nos ajudam a sair bem deste. Perdido este negócio, tudo se perdeu; pois se perdeu para nós, sem recurso, o mesmo Deus que encerra todos os bens.

É, pois, minha salvação um grande negócio; e tão grande que não é possível outro de maior consequência nem que me interesse mais. Um grande negócio de tal maneira absorve todos os demais que mal deixa tempo para consolar-se na perda dos outros.

Para fazer um grande negócio a nada se perdoa; destreza, amigos, empenhos, diligências, razões, tudo se põe em movimento; sacrificam-se a seu êxito as diversões, a quietude e até os mesmos bens. Fazemos outro tanto pelo negócio da salvação?

Este é meu principal negócio; tudo se deve dirigir a ele, e a ele deve ceder tudo. Mas ah, que se pospõe a tudo o mais! Ocupa-nos muito este grande negócio? É a salvação o objeto de nossos desejos, de nossas ações, de nossos pensamentos? Espantosa desordem! Mal se considera a salvação como negócio; não há coisa mais esquecida. E não seria um portento que, procedendo desta maneira, lográssemos a salvação?

Não temos coisa mais indispensável que esta. Que se tenha perdido uma batalha, que se tenha perdido todo um reino; paciência; que se tenha perdido uma rica herança, um pleito, um grande emprego; paciência; que se tenham perdido todos os bens, a saúde, a vida mesma; paciência: resta-nos o consolo de salvar-nos; este é nosso recurso; mas que consolo restará ao que se condenou?

Não é absolutamente necessário que eu seja rico, nem poderoso, nem hábil; mas é absolutamente necessário que eu me salve. Vê se há alguma outra coisa que te seja mais necessária, nem ainda tanto. Mas temo-lo crido assim quando mal fazemos nada por nossa salvação? E não fazendo por ela mais do que faço, creio seriamente que não há para mim outra coisa mais necessária? Creio que o que se condena se condena para sempre?

E bem, Senhor, qual será minha sorte à vista de minha conduta? Salvar-me-ei? Que responderia eu a outro que, vivendo como eu vivo, me perguntasse se se salvaria?

Segundo ponto

Considera que a salvação não só é nosso grande e nosso principal negócio, mas nosso negócio pessoal, o único que é rigorosamente nosso. Fazendo tal negócio, conseguindo tal cargo, cultivando tal possessão, ganhando tal pleito, em rigor se faz o negócio dos filhos ou dos herdeiros; faz-se o negócio de outros; só em salvar-me faço o negócio próprio; é tão meu que nenhum outro o pode fazer por mim. Mas tenho trabalhado muito nele? Está muito adiantado?

Se ao sair deste mundo tudo fizeste bem menos tua salvação, nada fizeste para ti; teus amigos, teus herdeiros, teus parentes, por quem tanto te afanaste, e talvez à custa de tua salvação, resgatar-te-ão esta perda? Poderão servir-te de muito? Ao contrário, se fizeste tua salvação, embora tivesses errado tudo o mais, fizeste para sempre tua fortuna, nada te afligirá nem te restará mais que fazer. Meu Deus, duvidamos porventura desta verdade? E, se a cremos, como se pode compor com nossa fé nossa inação, nossa indiferença e nossa insensibilidade?

O negócio da salvação é delicado, não o há mais espinhoso nem que peça mais atenção. Quantos inimigos há que combater, quantos estorvos que vencer, quantos laços que evitar! Nesta vida tudo é perigo, tudo é tentação. É preciso orar e velar sem intermissão e fazer-se contínua violência. O caminho que conduz ao céu é estreito: nele, por dizê-lo assim, nascem os espinhos debaixo dos pés. Não é vida cristã a que não é humilde, inocente e mortificada. Esta é a filosofia de Jesus Cristo; mas é também a nossa?

Deu-nos Deus toda a vida única e precisamente para trabalhar no negócio de nossa salvação: julgou que toda ela era necessária para fazer bem este grande negócio; mas nós fazemos o mesmo juízo? Quanto tempo empregamos nele? Ó Deus! Temos pelo menos certeza moral de que não trabalhamos em nossa salvação; a fé, a palavra de Jesus Cristo, nossa mesma razão nos está ditando que sem remédio nos condenaremos se continuamos a viver como até aqui; e, no entanto, perseveramos tranquilos em nossa delicada ociosidade! Esta segurança, em que se fundará?

Deus meu, se estas reflexões que faço, ou, por melhor dizer, se a graça que me concedeis de que as faça não me move a trabalhar sem dilação e seriamente no negócio de minha salvação, que poderei esperar? Mas tudo espero de vossa misericórdia. Vós quereis minha salvação, eu quero sinceramente salvar-me; pois quem terá a culpa se não me salvo?

Jaculatórias

> *Tuus sum ego, salvum me fac.* Sl 118.

Vosso sou, Senhor, salvai-me.

> *Sic currite ut comprehendatis.* 1Cor 9.

Trabalhai, correi até conseguir o prêmio.

Propósitos

1. Não há em nossa religião verdade mais reconhecida de todos; mas talvez tampouco haja outra que nos faça menos impressão. Confessa-se ingenuamente que nada se tem feito; mas de que serve esta confissão? Serve somente para fazer-nos mais culpados? Conhece-se, palpa-se que não se deu princípio a trabalhar no importante negócio da salvação; entretanto o dia vai baixando e se inclina para o ocaso; mas que diligências se praticam? Que meios se tomam? De boa-fé: isto é impiedade ou loucura?

Certamente é uma e outra coisa. Sê mais racional e mais cristão. Tua consciência te repreende tua inação; não passe este dia sem dar provas de teu zelo. Tens que fazer alguma restituição ou que perdoar alguma injúria? Subsistem ainda os laços que formou a paixão? Há alguma ocasião que cortar, alguma vítima que degolar? Faze logo, e antes que passe o dia, este necessário sacrifício. Visita aquela pessoa com quem estás de esquina, restitui sem dilação o que não é teu, ou ao menos começa a restituí-lo, tomando para isso todos os meios conducentes: talvez terás necessidade de fazer uma confissão extraordinária; não a dilates para a Páscoa, faze-a logo, ou ao menos começa desde hoje a dispor-te para ela. Esse jogo, essas companhias, esses frequentes tratos, esses espetáculos servem de estorvo a tua salvação; pois tem o consolo de havê-lo cortado e reformado tudo antes que passe o dia, de modo que possas dizer ao chegar a noite: «Isto é o que eu fiz hoje para salvar-me.»

2. Sendo preciso que todas as nossas ações se dirijam a nossa salvação, hás de dispor hoje mesmo o plano de vida que hás de seguir, ou voltar a lê-lo se já o tiveres disposto. São inúteis as regras de governo se não se observam. Tem sempre à vista este oráculo de Jesus Cristo: *Porro unum est necessarium*; uma só coisa é necessária. Desperta logo e sai desse letargo em que viveste até aqui acerca de tua salvação. Tem alguma conferência sobre este assunto com teu diretor ou com alguma pessoa de virtude e de confiança. Consultam-se os negócios temporais com as pessoas mais hábeis; e não merecerá o negócio da eternidade e da salvação aquele cuidado, aquela aplicação que se dá a um negócio de nenhuma importância? Os filhos do século hão de ser sempre mais prudentes e mais hábeis em seus negócios que os filhos da luz?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:40 by Admin